

FOGO-FÁTUO¹

Tradução: Fernando Garcia²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

NASCIMENTO

Foi em sua vigésima quinta primavera que regressou à terra natal, após passar adiante seu boné em forma de losango dos estudantes, o qual já sugeria ter história, ao calouro que com hesitação e titubeante lhe viera pedir por ele, em meio aos tantos outros aspirantes a herdeiros. O pequeno coche que transportava o senhorzinho, no qual se via o brasão da família com a pena de falcão, percorreu em pouco tempo o trajeto de doze quilômetros desde a estação. Ouvia-se no ar o ruído das rodas sobre as pedras do chão, o balouçar do jaez, as reprimendas do cocheiro e o som abafado das ferraduras — tudo acompanhado pelo cantar insistente de uma cotovia.

Naquela região norte a neve permanecia, não obstante a chegada da primavera. Somente a estrada estava seca, despontando como uma linha negra. As neves cãs dos arrozais também começavam a encalvecer. As suaves ondulações das montanhas cobertas de neve desvaneciam em tons violáceos. Ao pé dessas montanhas, ele já podia agora avistar o prédio baixo da madeireira, com as toras amareladas empilhadas ao lado. De uma larga chaminé ascendiam fumos azuis em direção ao céu limpo. Era o seu lar. O recém-formado, lançando apenas um olhar lânguido sobre a paisagem da terra natal que há tanto tempo não via, afetou um pequeno bocejo.

Ele passaria praticamente aquele ano todo caminhando. Andando de aposento em aposento em sua casa, recordava saudosamente o cheiro de cada um deles. A sala em estilo ocidental exalava uma pestilência de ervas medicinais; a em estilo japonês cheirava a leite. Já a sala de visitas possuía certa fragrância vergonhosa. Ele vagava também pelos cômodos do segundo andar, tanto da frente quanto dos fundos, ou pelo anexo da casa. A cada abrir suave de uma porta corrediça, seu peito sujo palpitava debilmente. Tudo porque, sem dúvida, os vários odores lembravam-no da capital.

¹ “Fogo-fátuo” [陰火, *Inka*]. Publicado originalmente em abril de 1936, na revista *Bungei*.

² Fernando Garcia é Bacharel em Tradução Japonês/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou na Universidade de Hokkaidô, como pesquisador em Literatura Comparada, com bolsa de estudos do Ministério da Educação japonês. Traduziu *Sanshiro* e *O Portal*, de Natsume Sôseki, e *Vita Sexualis*, de Mori Ôgai, além da correspondência entre Mishima Yukio e Kawabata Yasunari.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

Ele não permanecia apenas dentro de casa, mas também caminhava sozinho pelos campos e arrozais. Conquanto fosse capaz de contemplar com desdém as folhas das árvores vermelhas do campo, ou as flores das lentilhas-d'água que cresciam por entre as plantações, apaziam-lhe o vento que na primavera roçava-lhe as orelhas, bem como a leve inquietude dos arrozais que se estendiam a perder de vista no outono.

Mesmo ao ir para a cama, raramente deixava à cabeceira os livros que lia antigamente, tal como a pequena coletânea de poemas ou o livro de capa escarlate em que parecia estar desenhado um martelo negro. Deitado, aproximava para si o abajur e contemplava as palmas das mãos. A quiromancia o fascinava. Inúmeras e diminutas rugas se dobravam em suas palmas. Dentre as quais, destacavam-se três longas linhas que corriam frisadas umas ao lado das outras. Diziam que estas três correntes avermelhadas representavam seu destino. De acordo com elas, ele tinha bem desenvolvidos seus lados afetivo e intelectual, mas sua vida seria breve. No mais tardar, sua vida acabaria ainda na casa dos vinte anos.

No ano seguinte, casou-se. Não julgou que fosse particularmente cedo demais. “Contanto que seja com uma bela mulher”, foi o que pensou. Realizou-se uma pomposa cerimônia. A noiva era filha de um fabricante de saquê de uma cidade das redondezas. Possuía a pele um tanto escura, e em suas suaves faces chegava a crescer uma fina penugem. Tricotava muito bem. Por cerca de um mês ele achou a esposa uma grande novidade.

No auge do inverno desse ano morreu seu pai, aos 59. O enterro foi realizado em um belo dia, em que o sol refletia dourado na neve. Prendendo as aberturas do *hakama*⁴ à cintura e calçando suas botas de palha, pôde-se ouvir seus passos leves ao caminhar pela estrada coberta de neve que levava ao templo no alto da montanha, a um quilômetro de distância. Era seguido pelo caixão de seu pai, carregado em uma liteira. Ainda mais atrás estavam suas duas irmãs mais novas, seus rostos cobertos por véus brancos⁵. A procissão era longa.

Com a morte do pai, sua situação se alterou por completo. A posição social do pai transferiu-se inteiramente para ele; assim como a reputação. Como era de se esperar, essa reputação deixou-o um pouco irrequieto. Fez planos, como a reforma da fábrica, mas depois se entregou à inércia. Desistiu, dizendo que não sabia o que fazer. Confiou tudo ao seu gerente. Após ele tornar-se o novo responsável pela família, o que mudou foi o retrato do avô, pendurado na sala em estilo ocidental, o qual trocou por uma pintura a óleo de flores de papoula; e um dos portões negros da casa, sobre o qual passou a acender uma pálida lamparina em estilo francês.

⁴ Peça tradicional do vestuário japonês que se assemelha a uma calça bastante folgada. A costura lateral (*momodachi*) é interrompida próximo aos quadris, deixando aberturas laterais. Mantendo a costura presa à cintura e eliminando assim as aberturas, a calça é suspensa para dar mais liberdade de movimento, necessário ao andar na neve.

⁵ O branco também é utilizado como cor de luto.

De resto, tudo estava como dantes. A mudança real viria de fora. Foi no verão do segundo ano após o falecimento de seu pai. Tornou-se estranha a situação do banco da cidade, e começou-se a pensar que ele seria forçado a declarar a falência da própria casa.

De algum modo encontraram uma solução. Contudo, o gerente planejou um corte de pessoal para a fábrica, o que irritou os funcionários. Quanto ao jovem patrão, teve apenas a impressão de que algo que temia há tempos acabou acontecendo mais rápido do que imaginara. “Dê-lhes o que estão pedindo”, disse ele ao gerente, mais zangado que melancólico. Em seu íntimo se questionava, “Daremos apenas o que eles pedem, e não mais que isso. Isso acertaria tudo, não?”. As poucas demissões correram sem maiores problemas.

A partir dessa época, passou a lhe agradar o templo budista. Do alto da montanha que se erguia por trás da casa, o templo fazia brilhar suas telhas de zinco. Ele tornou-se amigo do monge responsável pelo local, um tipo esquelético e já muito idoso. Contudo, por lhe haver sido esvaçalhado o lóbulo da orelha direita, deixando ali uma marca negra, não raro o rosto do monge aparentava um aspecto aterrorizante. Apesar do calor intenso que fazia no pico do verão, ele continuava a subir, em seu ritmo constante, a longa escadaria de pedra até o templo. À varanda da residência do monge, crescia indomável a relva estival; viam-se ainda quatro ou cinco cristas-de-galo. Quase sempre encontrava o religioso tirando a sesta. Era daquela varanda que ele dizia seu ô-de-casa. Às vezes um lagarto saía ali de baixo, agitando sua cauda verde.

Ele costumava perguntar ao monge sobre o significado dos sutras, mas este não compreendia deles um pouco sequer⁶. Sem saber como responder, soltava uma sonora risada. O jovem também esboçava um pequeno riso de desconforto. Isso bastava. Às vezes rogava ao monge que lhe contasse alguma história de terror. Fazendo uma voz grave, este relatava-lhe então umas vinte e poucas lendas. Quando perguntava se havia também alguma história assustadora sobre aquele templo, o monge respondia que “não, absolutamente”.

Passado mais um ano, morreu-lhe desta vez a mãe. Após a perda do marido, ela mostrara-se muito reservada nas relações com o filho. Essa introversão acabou lhe encurtando a vida. A morte da mãe fez com que ele se cansasse do templo. Embora só houvesse se apercebido disto depois do falecimento, suas idas frequentes ao templo deviam-se, até certo ponto, à consideração que tinha por sua mãe.

Após a mãe lhe haver deixado, sentiu o desconsolo de ter uma família pequena. De suas duas irmãs, a mais velha casara-se, mudando-se para a cidade vizinha, onde sua nova família possuía um grande restaurante japonês. A mais nova frequentava certa escola particular de

⁶ Os sutras são escritos em sânscrito; logo, é possível que o monge apenas soubesse recitá-los, sem de fato compreender seu significado (tal como um padre católico que rezasse a missa em latim, porém sem entender o idioma).

moças na capital, renomada por sua integridade, e retornava apenas nas férias de verão ou de inverno. Ela usava uns óculos pretos, de celuloide. Aliás, todos os três irmãos usavam óculos. Os dele tinham uma armação de ferro. Os da primeira irmã, uma frágil armação dourada.

Ele saía até a cidade vizinha para distrair-se. Próximo a sua casa sentia-se oprimido, e não conseguia beber saquê ou o que quer que fosse. Mas envolveu-se em pequenos escândalos na outra cidade, e logo também se cansou de ir para lá.

Pensou que queria filhos. Imaginou que ao menos as crianças ajudariam a reparar o ar desgostoso entre ele e a esposa. Para ele, o corpo da mulher tinha um cheiro insuportável de peixe. Causava-lhe aversão.

Fez trinta anos; havia engordado um tanto. Todas as manhãs, quando lavava o rosto, ao esfregar o sabonete entre as mãos para fazer espuma sentia as costas destas tão lisas como se fossem mãos de mulher. As pontas de seus dedos tinham manchas amarelas de nicotina. Lavava, lavava, mas não conseguia removê-las. Com razão, ele fumava demais. A cada dia consumia sete maços de *Hope*.

Na primavera daquele ano, sua esposa deu à luz uma menina. Dois anos antes, ela havia sido secretamente internada em um hospital da capital, por cerca de um mês.

A menina recebeu o nome de Yuri⁷. Sua pele era clara, ao contrário da dos pais. Assemelhava-se a eles, entretanto, pela ausência de sobrancelhas e escassez de cabelos. Os braços e pernas eram elegantes e esguios. Dois meses após o nascimento, pesava cinco quilos e media 56 centímetros; desenvolvia-se melhor que a maioria das crianças.

Em seu 120º dia realizaram uma grande comemoração.

TSURU DE PAPEL.⁸

Eu, ao contrário de ti, até que tive sorte. Casei-me com uma mulher que já não era mais virgem e passei três anos sem saber desse fato. Não tinha certeza se deveria revelar isto. Seria já uma crueldade com minha esposa, que parece tão feliz, dedicando-se ao seu tricô. Talvez seja uma afronta para muitos casais deste mundo. Mas, eu falo. Porque eu quero arrebentar essa tua cara despreocupada.

Não leio Valéry nem Proust. Poder-se-ia dizer que não entendo de literatura. E estou bem assim. Concentro-me em algo diverso, algo mais concreto: nas pessoas. As moscas varejeiras a quem chamamos de pessoas. Por isso que, para mim, é o escritor que importa. A obra não é nada.

⁷ Literalmente, “lírio branco”, nome que carrega consigo uma conotação de pureza.

⁸ O *tsuru* é uma ave pernaltas da família da garça, considerado no Japão como símbolo da longevidade. *Tsurus* feitos em dobraduras de papel são muito populares, frequentemente presenteados como votos de vida longa.

Mesmo a maior das obras-primas nunca será mais que seu autor. Se uma obra excede, vai além de quem a escreveu, ora, isso são deslumbres do leitor. Imagino que me torças o nariz. Tu, que queres convencer os leitores de que existe algo como inspiração, certamente desprezas minhas palavras como vulgaridades, como falta de refinamento. Se esse é o caso, devo me expressar mais claramente. Faço de meu trabalho escrever apenas quando aquilo o que escrevo pode me servir de alguma forma. Sem dúvida, se fores inteligente, deves ser capaz de soltar uma risada frente a essa minha atitude. Por outro lado, se não puderes rir, daqui para frente não me faças mais caretas como se fosses mais esperto que eu.

Eu, agora, vou escrever este romance com a intenção de desmoralizar-te. Não sei dizer, contudo, se seu tema não será a minha própria desmoralização. De qualquer modo, definitivamente não espero de ti nenhum sentimento de compaixão. O que pretendo é, com uma visão mais privilegiada que a tua, esmurrar-te as faces com uma angústia livre das mentiras humanas.

Minha esposa foi tão mentirosa quanto eu. No início do outono deste ano, eu concluíra a produção de uma história curta. Tratava-se de um conto em que eu vangloriava-me perante Deus pela felicidade de meu lar. Fiz com que minha esposa também lesse a obra. “Está bom”, disse-me ela, após a haver lido em voz baixa. Disse isso e começou a tratar-me de modo desleixado. Por mais obstinado que eu seja, não podia deixar de ver nesse novo ar de minha esposa uma postura fora do comum. De onde teria vindo sua insegurança, foi o que despendi três noites cismando. Minhas dúvidas iam se solidificando em torno de uma única e lamentosa verdade. Eu tinha uma personalidade tão intrusiva que eu merecia sentar-me na décima terceira cadeira⁹.

Atormentei minha esposa insistentemente. Sobre isso também perdi outras três noites de sono. Ela, por outro lado, ria-se de mim. Vez que outra chegou a se zangar. Até que empreguei um último ardil. Em meu curto romance havia um trecho sobre um homem semelhante a mim, alegre porque se casara com uma moça ainda virgem; eu, contudo, retirei tal passagem, para incomodá-la. “Agora que estou me tornando um grande escritor, mesmo este romance será lembrado por todos daqui a cem anos. Então tu, junto com ele, serás vista daqui a cem anos como uma mentirosa” — ameacei-a. A ignorante acabou se deixando intimidar. Depois de pensar por algum tempo, finalmente segredou-me. “Foi só uma vez”, sussurrou. Eu, rindo, fiz-lhe um afago. “Não há de ser nada, foi apenas um pecado de tua juventude” — procurei animar minha esposa e fiz com que me contasse mais detalhes. “Ah...”, pensou ela um pouco, e corrigiu-se — “Foram duas vezes...” — somente para depois dizer ainda, “Não, três”. Ainda mantendo o sorriso, perguntei docilmente, “Com quem foi?”. Era um nome que eu

⁹ Referência ao lugar ocupado por Judas Iscariotes durante a Santa Ceia. Osamu Dazai se comparava à personagem bíblica por sua “consciência desenvolvida”.

desconhecia. Enquanto falava-me sobre esse homem abracei-a, desajeitado. Uma patética demonstração de afeto. E, ao mesmo tempo, um amor sincero. Minha esposa finalmente despejou, “Umas seis vezes!”, e pôs-se a chorar.

Na manhã seguinte, ela acordou com o rosto resplandecente. Quando se sentou à minha frente na mesa para o café, de troça juntou as mãos como se fizesse uma reverência. Bem-humorado, fiz-lhe ver que mordida meu lábio inferior. Minha esposa, então com a aparência ainda mais tranquila — “Estás sofrendo?”. Ora, pois não estava ela a me fitar o rosto? “Um pouco”, respondi.

Quero que fiques sabendo: qualquer coisa que pareça eterna é certamente vulgar, deselegante.

Contar-te-ei também de que modo passei aquele dia.

Em momentos assim, não posso nem ver o rosto de minha esposa, suas meias atiradas pela casa, enfim, nada do que com ela tenha alguma relação. Não apenas porque me façam lembrar as coisas horríveis sobre seu passado. É que me vêm à memória os dias de até recentemente, em que eu e minha esposa ainda vivíamos tranquilamente. Nesse dia, logo saí para dar uma volta. Resolvi visitar um jovem artista que pintava quadros em estilo ocidental. Esse meu amigo era solteiro. Imagino que amigos casados não sejam próprios para essas ocasiões.

Pelo caminho mantive a mente alerta, como que para não deixá-la esvaziar-se. Eu buscava compenetrar-me em outras questões, de tal modo que não deixasse brecha para que nela entrassem os acontecimentos da noite anterior. A vida humana ou as artes eram-me assuntos um tanto perigosos. Particularmente a literatura, que de pronto me remetia àquela memória ainda fresca. Foquei meus pensamentos sobre as plantas no caminho. “Laranjeira-trifoliada, um arbusto. Dá flores brancas no fim da primavera. Não sei de que família é. Agora logo no início do outono vai dar minúsculos frutos amarelos”. Pensar mais que isso já era arriscado. Rápido voltei os olhos para outra planta. “Eulália japonesa. Esta é da família das gramíneas. Com certeza, aprendi que é uma gramínea. Esta espiga branca, chamam-na de ‘flor-de-rabo’¹⁰. É uma das sete ervas do outono¹¹. As sete ervas são: o trevo japonês, a campainha-chinesa, o andropogon, o cravo dos jardins, outra, a flor-de-rabo... Faltam duas, quais eram mesmo?”. “*Umas seis vezes...*” — de repente me veio um sussurro aos ouvidos. Apressei o passo, quase corria. Tropecei várias vezes. “Esta de folhas caducas... Não, chega de

¹⁰ Nome comum, no Japão, dado à inflorescência da eulália, por assemelhar-se em sua forma a uma cauda.

¹¹ Referência aos sete tipos de plantas mais apreciadas no outono (para a escrita de poesias, por exemplo). As plantas são: patrinia (*Patrinia scabiosifolia*), eulália japonesa (*Miscanthus sinensis*), a campainha-chinesa (*Platycodon grandiflorus*), o cravo dos jardins (*Dianthus superbus*), o eupatório japonês (*Eupatorium fortunei*), o kudzu (*Pueraria lobata*) e o trevo japonês (*Lespedeza*). O andropogon listado pela personagem não é uma das sete ervas.

plantas. Algo mais racional. Mais racional”. Mesmo cambaleando, procurava recompor minhas tropas para minha batalha mental.

Em minha mente recitei o quadrado da soma de A e B. Depois, esquadrinhei o quadrado da soma de A, B e C.

Estás ouvindo minha história revestido de uma expressão incrédula. Mas, eu sei. Provavelmente a ti, sofresses tu com uma desgraça como a minha — não, mesmo que fosse problema mais ameno –, saber-te-ia intragável a refinada e costumeira teoria literária; agarrar-te-ias à matemática ou, antes mesmo, a um reles besouro.

Enquanto enumerava um a um os nomes dos órgãos internos do corpo humano, entrei no edifício em que meu amigo morava.

Bati à porta de seu apartamento e ergui os olhos para o pequeno aquário que estava suspenso no canto sudeste do corredor; averigui o número de barbatanas que tinham os quatro peixinhos dourados que ali nadavam. Meu amigo ainda estava dormindo; trazendo somente um dos olhos relutantemente aberto, veio atender-me. Entrei em seu quarto e finalmente suspirei aliviado.

O mais assustador era estar sozinho. Falar com alguém sobre uma coisa qualquer ajuda. Mas não seria seguro se o interlocutor fosse mulher. É melhor um homem. Em especial um homem de boa natureza. Esse amigo atendia muito bem a tais condições.

Falei avidamente sobre seu trabalho mais recente, uma paisagem em tela de tamanho 20. Como um quadro vindo dele, pertencia à classe das grandes obras. Na pintura, via-se uma construção em estilo ocidental, de telhado vermelho, à beira de um pântano de águas claras. Embora meu amigo houvesse deixado o quadro com a tela virada contra a parede de seu quarto, como que por timidez, eu sem hesitar o desvirei e pus-me a observá-lo. Que tipo de comentários eu lhe fizera então? Pois se tua capacidade de crítica artística é excelente, minha crítica naquela ocasião também não ficava a dever-te em nada. Afinal, assim como tu, fiz uma crítica de quem não podia deixar de dizer algo. Tema, matizes, composição — em uma rápida olhada pude achar-lhes defeitos a todos. Usando a linguagem mais teórica possível.

Meu amigo concordava com cada uma das coisas que eu dizia. Ou melhor, desde o princípio continuei com minha fala tão loquaz que não abria espaço para que ele dissesse palavra.

Entretanto, no fundo do coração sequer esse falatório me dava segurança. Interrompendo a mim mesmo em momento apropriado, desafiei meu jovem amigo para uma partida de *shôgi*¹². Sentamo-nos os dois sobre a cama e, dispendo as peças sobre um pedaço de papelão cortado por linhas mal traçadas, jogamos várias partidas rápidas. Às vezes eu me

¹² Jogo japonês de tabuleiro semelhante ao xadrez.

irritava porque meu amigo ficava um longo tempo a raciocinar, o que o deixava atordoado. Eu não queria dar lugar a pensamentos ociosos por um momento que fosse.

Afinal, um espírito acossado como o meu não permitia larga continuidade. Começava a achar inclusive o *shôgi* arriscado. Enfim, assomou a fadiga. “Chega”, disse eu, desfazendo-me do jogo e enfiando-me na cama. Meu amigo deitou-se ao meu lado, voltado para cima, e fumou um cigarro. Como fui desleixado. O descanso era então meu grande inimigo. Senti continuamente uma sombra negra oprimindo-me o peito. “Calma, calma” — murmurando palavras sem sentido, eu afugentava essa grande sombra. Não era mais possível ficar assim. Precisava me mexer a qualquer custo.

Talvez rias disto. Virando-me de bruços sobre a cama, peguei um dos lenços de papel que estavam atirados à cabeceira e comecei a trabalhar um *origami*.

“Primeiro dobro o papel em dois, seguindo uma linha diagonal; novamente o dobro ao meio, formando como que uma bolsa; dobro a ponta de cá, aqui será a asa; dobro agora a ponta de cá, será o bico; esticando deste jeito, deste pequeno orifício sairá o ar, num sopro. Eilo, um *tsuru*.”

RODA D'ÁGUA

Aproximaram-se da ponte. Nesse ponto, o homem pensou em dar a volta. Mas a mulher atravessou em silêncio, e ele também.

Por que teve de segui-la caminhando até ali, é o que o homem procurava pensar, imaginando inúmeras respostas. Não que estivesse arrependido. No instante em que se afastara da corpo da mulher, o ardor de seus sentimentos deveriam haver se esvaziado. Quando ela, calada, começou a preparar-se para o retorno, ele acendeu um cigarro. Ao perceber que sua mão sequer tremendo estava, o homem sentiu-se um cínico. Seria melhor haver abandonado tudo naquele momento. Saiu da casa junto com ela.

Os dois caminhavam vagarosamente pelo estreito caminho da barragem de terra; às vezes ele ia à frente, às vezes a mulher. Era um crepúsculo de início de verão. Em ambos os lados da trilha, viam-se aqui e ali brancas flores de morujem desabrochadas.

Existe uma infeliz classe de gente que só consegue se interessar por uma pessoa do sexo oposto se por ela nutrir um ódio profundo. Esse homem era assim. E essa mulher também. Nesse dia, mais uma vez, ela fora visitá-lo em sua casa nos arredores da cidade; a cada palavra que ele dizia, ela o cobria de incompreensíveis risinhos de escárnio. Frente àquele obstinado desprezo, o homem sentira-se ainda mais determinado a usar a força bruta. Ao pressenti-lo, ela se pusera de guarda. Era esse arrepio acossador que agitava a paixão distorcida dos dois. Mas a força do homem se fazia valer de modo diferente. Quando cada um devolvia ao parceiro o

próprio corpo, faziam compreender claramente a realidade um ao outro: não possuíam entre si sequer uma partícula de amor.

Assim, embora andassem juntos, sentiam ambos uma repulsa que não lhes permitia chegarem a um acordo — tinham um ódio ainda maior que antes.

Por sob a barragem, fluía indolente um rio de três ou quatro metros de largura. Em meio à tênue escuridão, o homem fixou o olhar sobre a superfície da água que reluzia palidamente e pensou mais uma vez em dar meia volta. Ela, cabisbaixa, seguia pelo caminho sem fazer desvios. Ele seguiu seus passos.

“Não é arrependimento. Isto é necessário para resolver tudo. Mesmo que sejam palavras desagradáveis, são necessárias para liquidar este assunto”. O homem finalmente havia encontrado um pretexto. Deitando a grama do verão com golpes de bastão, ele caminhava a uns dez passos da mulher. “Deixe-me estar, por favor” — se assim sussurrasse baixinho a ela, talvez até fosse possível chegarem a uma solução banal. O homem sabia bem disso. Mas, não conseguia falar. Para começar, deixara passar a oportunidade. Dizem que tais palavras têm mais efeito se são ditas logo em seguida. Agora que já haviam passado por mais um confronto, não seria muito idiota dizer isso? O homem derrubou um caniço-de-água com uma pancada.

Logo se ouviu por detrás deles o rufar de um trem em movimento. A mulher voltou-se de sobressalto. Ele também virou apressado o rosto. O trem passava por uma ponte férrea à jusante do rio. Um vagão de passageiros iluminado passou frente aos olhos dos dois, depois mais um, e outro, e mais outro. O homem sentia quase lhe doer o olhar da mulher, que sabia estar sobre suas costas. O trem já havia passado por completo, restando dele apenas os ecos dos vagões que se ouviam da sombra da floresta adiante. Resoluto, ele voltou-se para frente. Caso seu olhar se encontrasse então com o da mulher, ele diria com um riso contido: “Até que os trens a vapor japoneses não são ruins”.

A mulher, contudo, caminhava já longe, apressada. Seu vestido novo, amarelo com *petit-pois* brancas, atravessava a escuridão do crepúsculo e se infiltrava nos olhos do homem. “Será que ela pretende voltar para casa deste jeito? Não seria melhor nos casarmos? Não, não tenho intenção de casar, mas preciso ao menos consultá-la sobre o assunto para deixar tudo resolvido”.

Segurando firme seu bastão debaixo do braço, o homem pôs-se a correr. Conforme ia aproximando-se da mulher, sua decisão se desfazia. Com ares de altivez, ela deixava cair um pouco os ombros esguios enquanto dava passos meticulosos. Ele correu até chegar a dois, três passos da mulher, e então conteve o ritmo. Sentia apenas ódio. Parecia-lhe que todo o corpo da mulher exalava um cheiro desagradável, o qual ele não podia suportar.

Continuaram a caminhar, calados. Bem no meio do caminho estava um arvoredo de salgueiros que flutuavam levemente ao vento. A mulher caminhava pelo lado esquerdo das árvores. O homem escolhera o lado direito.

“Vou fugir. Não preciso de resolução. Não preciso de nada. Mesmo que a lembrança que nela restar de mim seja a de um repugnante vilão, ou, em suma, de um homem como todos os outros, não me importo. Afinal, assim são os homens. Vou fugir”.

Passando os salgueiros, voltaram a caminhar juntos, sem olharem um para o outro. “Talvez eu devesse dizer pelo menos uma palavra. Que não vou contar para ninguém”. Com uma das mãos, o homem procurou o cigarro que levava no bolso da manga do quimono. Ou melhor, talvez lhe dissesse assim: “Isso é algo que acontece uma vez na vida de toda filha, uma vez na vida de toda esposa, e uma vez na vida de toda mãe. Arranje um bom casamento para você”. O que ela responderia então? “Strindberg¹³?” — ela perguntaria em retorno, sem dúvida. Ele acendeu um fósforo. A imagem de uma das faces levemente escuras da mulher passou ainda retorcida frente a seus olhos.

Enfim, o homem parou. E ela também. Olhando cada qual para um lado, permaneceram imóveis por um tempo. O homem, irritado, pensava que sequer chorando ela estava; percorria os arredores com os olhos, propositalmente tranquilo. Logo à sua esquerda estava o moinho de água, perto do qual ele tanto gostava de vir passear. A roda d’água girava paciente em meio à escuridão. A mulher, dando-lhe as costas, retomou o passo. O homem quedou-se parado, tragando seu cigarro. Não fez menção de chamá-la.

MONJA

Foi tarde da noite, no dia 29 de setembro. Bastava aguentar mais um dia para que viesse outubro; se fosse então até a casa de penhores, recuperaria os lucros do um mês que passara. Com isso em mente, gastei o dia inteiro apenas dormindo, sem sequer fumar um cigarro. E, como castigo por dormir tanto durante o dia, à noite não pude pegar no sono. Por volta das onze e meia, ouvi o som de algo batendo levemente contra o *fusuma*¹⁴ de meu quarto. Pensei que pudesse ser o vento, mas, instantes depois, as pancadinhas se repetiram. “Ué”, pensei surpreso, “será que haveria alguém?”. Descobri metade do corpo e estendi o braço para abrir o *fusuma*; vi que ali, parada em pé, estava uma jovem monja.

¹³ Johan August Strindberg (1849–1912), famoso escritor sueco considerado como o criador do teatro moderno. Sua visão a respeito das mulheres era bastante controversa: embora condenasse a visão de papel social de gêneros e houvesse incentivado a permissão para o voto feminino na Suécia, com frequência deixava claro que via as mulheres como inferiores. Ele era particularmente cético quanto ao relacionamento entre homem e mulher, e entendia a instituição da família como um mal para o homem.

¹⁴ Porta corrediça de papel.

Era uma monja de corpo pequeno, nem muito gorda nem muito magra. Com a cabeça totalmente raspada, seu rosto como um todo se assemelhava a um ovo. A pele das faces era levemente escura, dando a impressão de ser granulosa. As sobrancelhas eram finas e arqueadas como as do bodisatva Jizô¹⁵; os olhos eram como sinetas que lhe enfeitavam o rosto, grandes e belos, com cílios demasiado longos. Seu narizinho era pequeno e arrebitado, enquanto os lábios de um rubro claro eram um tanto carnudos, deixando ver do pequeno vão que entreabriam, fino como uma folha de papel, fileiras de dentes completamente brancos. A mandíbula inferior era um nada saliente. Seu hábito negro, com as dobras tão perfeitas que parecia haver sido engomado, dava a impressão de ser um pouco curto para ela. Mostrava uns dez centímetros das pernas rosadas, que davam a impressão de serem bolas de borracha onde crescia uma rala penugem. Os tornozelos pareciam comprimidos, devido às meias brancas que lhes eram pequenas demais. Na mão direita tinha um rosário de contas de safira e, na esquerda, um livro oblongo de capa escarlate.

Eu, pensando que se tratava de minha irmã mais nova, disse logo que entrasse. A monja entrou em meu quarto, fechou em silêncio o *fusuma* atrás de si, caminhou até minha cabeceira fazendo um som ríspido com suas roupas de algodão enrijecido e enfim se sentou retesada. Eu meti-me em meu *futon*¹⁶, deitado com a barriga para o alto, contemplei fixamente o rosto da monja. Súbito fui tomado por um medo sufocante e perturbador. Minha respiração parou, e minha vista ofuscou-se por completo.

— Embora se pareçam muito, você não é minha irmã, não é mesmo? — foi nesse momento que percebi, pela primeira vez, que eu nunca tivera uma irmã ou nada parecido. — Quem é você?

A monja respondeu-me:

— Eu acho que me enganei de residência. Mas não tem jeito. Afinal são tão parecidas, não é?

O medo ia me abandonando pouco a pouco. Eu observava as mãos da monja. Suas unhas cresciam pouco mais que meio centímetro, e as articulações dos dedos estavam ressecadas e enegrecidas.

— Por que suas mãos estão sujas desse jeito? E pensar que olhando assim, deitado como estou, seu pescoço, ou algo em você, parece tão bonito.

A monja respondeu-me:

¹⁵ Ksitigarbha, conhecido no Japão como Jizô, é um dos quatro principais bodisatvas do Budismo Mahayana Oriental. É reverenciado no Japão como uma divindade protetora das crianças, especialmente daquelas que morreram cedo.

¹⁶ Colchonete tradicional japonês.

— É porque fiz algo sujo. Eu sei como estão. É por isso que estou tentando escondê-las com o rosário e o livro de sutras. Carrego comigo o rosário e o livro pela harmonia das cores: o azul e o escarlate combinam bem com as roupas pretas, melhorando bastante a minha aparência — enquanto dizia isso, folheava rapidamente as páginas do livro — Quer que eu leia?

— Sim — fechei os olhos.

— É uma carta de Rennyō¹⁷: “Ao lançar detidamente os olhos sobre a natureza efêmera do ser humano, apercebo-me de que, em seu início, meio e fim, a vida é impermanente como uma ilusão”. Quem pode ler algo assim constrangedor? Vou ler outra parte: “As mulheres, sob o fardo dos cinco impedimentos e das três subordinações¹⁸, carregam consigo um pecado profundo, maior que o dos homens; por essa razão, todas as mulheres...”¹⁹. Quanta besteira.

— Bela voz — disse eu, de olhos ainda cerrados. — Continue. Para mim todos os dias são um tédio insuportável. Agora consegui enfim me tornar um homem que pode conversar confortavelmente de olhos fechados com uma pessoa ignota a todos que veio lhe prestar uma visita, sem me sobressaltar, sem sentir curiosidade, sem nada perguntar. Isso me deixa contente. E quanto a você?

— Eu, não... afinal, não tenho outra escolha... Você gosta de fábulas?

— Gosto.

A monja começou a contar uma história.

— Esta é uma história sobre caranguejos. Os caranguejos morrem de medo da sua sombra feia, que se projeta na areia da praia, debaixo da luz da lua. Eles são magrinhos porque fogem da própria sombra, caminhando para lá e para cá, e não dormem a noite toda. Seriam muito mais elegantes se fossem dormir lá no fundo do mar, aonde a luz da lua não chega, quietinhos no meio das florestas de algas *kombu* que se mexem para cá e para lá, sonhando talvez com uma visita ao Palácio do Deus Dragão²⁰. Mas a luz da lua fascina os caranguejos, e acaba fazendo com que corram até a praia. Saem da água para a areia, descobrem de repente a própria sombra horrorosa, e primeiro se espantavam, depois ficavam com medo. Os

¹⁷ Rennyō (1415 – 1499), monge budista japonês da seita Jōdo (Terra Pura) e um dos principais responsáveis por sua popularização. As diversas cartas que escreveu a discípulos, com ensinamentos da doutrina budista, tornaram-se bastante famosas e adquiriram o status de escrituras sagradas.

¹⁸ Os cinco impedimentos da mulher, segundo algumas seitas budistas (tal como a seita da Terra Pura, à qual Rennyō pertencia), consistem na impossibilidade de se tornar Bhramā, Sakra, Māra, Caikravarti ou Buda. Segundo as mesmas seitas, as três subordinações que a mulher deve seguir são: quando filha, obedecer ao pai; quando esposa, obedecer ao marido; quando viúva, obedecer ao filho.

¹⁹ O trecho segue: “...não podem ascender ao status de Buda sequer com a força de todos os budas que residem em todos os planos”.

²⁰ *Ryūgū*, palácio submarino em que habita o dragão deus dos mares, de acordo com o folclore japonês. Ele é referenciado em várias lendas, sendo uma das mais conhecidas a de Urashima Tarō, um pescador que é honrado com uma visita ao palácio por haver salvado a vida de uma tartaruga.

caranguejos desnorteados vão murmurando e grunhindo: “Por aqui tem homem, por aqui tem homem”. A carapaça dos caranguejos quebra fácil. Ou melhor, com aquele formato que tem, parece que foi feita para ser quebrada. Quando ela quebra, dizem que se pode ouvir um “*crash*”. Há muito tempo existiu um enorme caranguejo na Inglaterra, que tinha nascido com a carapaça vermelha, muito bonita. Esse caranguejo, coitado, acabou com a carapaça um pouco esmagada, e por pouco não a esmagaram por completo. Será que teria sido culpa do povo, ou uma punição que o próprio caranguejo teria chamado para si? Certo dia esse caranguejo gigante vinha balançando tristemente sua carapaça meio esmagada, com as carnes brancas lhe saltando para fora, e entrou em uma cafeteria. Na cafeteria se aglomeravam vários caranguejos menores, que, reunidos, fumavam cigarros e falavam de mulheres. Um deles, um caranguejozinho nascido na França, lançou seu olhar sereno sobre o caranguejão. A carapaça desse caranguejozinho era repleta de opacas listras cinza, com ares orientais. Dizem que então o caranguejão, evitando o olhar do menor como se estivesse ofuscado, cochichou em segredo: “Seu... não vá debochar de um caranguejo que foi esmagado!”. Ai, outro caranguejinho, que perto do caranguejão era tão, mas tão pequenino que dava dó de ver, deixou o acanhamento para trás e saiu agora do mar do norte. Havia sido enfeitado pela luz da lua. Experimentou sair para a areia, e também ele se espantou. “Esta sombra, esta sombra achatada e feia, realmente é a minha? Agora sou um novo homem. Mas, vejam minha sombra. Eu já estou meio esmagado. Minha carapaça é mesmo feia assim? É tão fraca assim?” Este caranguejozinho pequenino murmurava assim enquanto caminhava para lá e para cá. “Será que eu já tive algum talento? Não, não, mesmo que tivesse, seria só um talento estranho. Apenas o dom de continuar vivo.” Que método de sedução você utilizou para convencer o editor a comprar seu manuscrito? Usou este ou aquele artifício? Se chorou, deve ter usado colírio. Ou será que o ameaçou? Ei, vista-se com uma roupa melhor. Não coloque nem mais uma nota na obra. Diga isto, com um ar de tédio: “Se for do seu agrado”. A carapaça me dói. Parece que meu corpo secou. E pensar que o cheiro do oceano era minha única qualidade. Se o aroma do mar houver mesmo desaparecido de mim, ai, quero sumir eu também.²¹ Será que devo entrar mais uma vez na água? Mergulhar até o fundo, até bem no fundo do mar? O que me dá saudades é a floresta de *kombu*. Os bandos de peixes migratórios. O caranguejozinho, respirando com dificuldade, caminhava trôpego pela orla. Descansou um pouco na praia, à sombra de uma cabana com telhado de junco. Descansou um pouco à sombra de um barco pesqueiro em ruínas. Ah, este caranguejo, de onde vem? Da longínqua Tsunuga oriundo é. A andar de lado, aonde irá...?²² — Calou-se.

— O que houve? — abri os olhos até então fechados.

²¹ Dazai nasceu e cresceu perto do mar.

²² As últimas três sentenças são paráfrase de um poema do *Kojiki*.

— Nada — respondeu a monja em voz baixa. — É que é um sacrilégio. São do *Kojiki* estas... Os céus vão me castigar. Onde fica o toailete?

— Saindo do quarto, dobre à direita no corredor e siga reto até uma porta de cedro.

— Com a chegada do outono, nós mulheres já sentimos a friagem... — dizendo isso, encolheu o pescoço e girou os olhos para que eu visse, como criança travessa. Eu lhe sorri.

A monja saiu de meu quarto. Destapei minha cabeça e fiquei refletindo. Não meditei sobre nada que fosse nobre ou elevado. Mas que sorte a minha, foi só o que pensei, com uma risadinha de vilão.

A monja voltou um pouco aflita, e, após fechar com bastante firmeza o *fusuma*, disse, ainda de pé:

— Eu preciso dormir. Já é meia-noite. Imagino que não seria incômodo?

— Não me incomodo — respondi.

Desde os tempos de menino, por mais pobre que tenha sido, sempre tive o cuidado de ter um *futon* bonito; desse modo, mesmo quando estivesse em uma situação assim, com uma visita inesperada para passar a noite, não sentiria vergonha. Levantei-me, retirei um dos meus três *futons* de baixo e coloquei-o logo ao lado.

— Que curioso o desenho deste *futon*. Parece uma daquelas pinturas em vidro.

Retirei para ela uma das duas cobertas que usava em meu leito.

— Oh, não. Não preciso de coberta. Eu durmo assim mesmo.

— Ah, é? — mergulhei logo para dentro das cobertas.

A monja, após empurrar com cuidado o rosário e o livro de sutras para baixo do *futon* sem lençol, deitou-se sobre ele, vestida como estava.

— Olhe bem para meu rosto, por favor. Eu vou adormecer num piscar de olhos. Logo em seguida vou começar a ranger os dentes e, ao fazê-lo, Tathāgata²³ aqui virá.

— Tathāgata?

— Sim. Buda permite-se fazer passeios noturnos, todas as noites. Você deve olhar com atenção, já que diz estar enfadado. Se lhe recusei qualquer coisa, foi também por causa disso.

Com efeito, tão logo acabou de falar, ouviu-se a suave respiração de quem dormia. Logo em seguida, quando se fez ouvir um ranger penetrante, o *fusuma* do quarto soou com leves batidas. Destapei metade do corpo e estendi o braço para abrir o *fusuma*. Ali estava, em pé, Tathāgata.

Ele montava um elefantinho branco, de cerca de 60 centímetros de altura. Sobre o elefante estava colocada uma sela de ouro, enegrecida pela ferrugem. Tathāgata era um tanto—

²³ Um dos heterônimos de Siddhārtha Gautama, o fundador do Budismo e considerado por muitos o Supremo Buda. O termo é ambíguo, podendo significar tanto “Aquele que foi (à verdade)” quanto “Aquele que veio (da verdade)”.

aliás, bastante magro. As costelas uma a uma se faziam salientes, lembrando uma folha de janela. Salvo por um pano marrom e despedaçado que trazia ao redor dos quadris, estava completamente nu. Os braços e pernas, finos como as patas do louva-deus, estavam cheios de teias de aranha e fuligem. Sua pele negra era retinta, e os curtos cabelos se encaracolavam vermelhos. A cabeça, do tamanho de um punho fechado, era coberta de rugas, de modo que nela não se distinguiam nem olhos nem nariz.

— Tathâgata?

— Sim — a voz de Tathâgata era rouca e baixa — Vim porque me vi obrigado.

— Há algo cheirando mal, não? — inspirei sonoramente algumas vezes. Sim, cheirava mal. No mesmo momento em que Tathâgata apareceu, instalou-se em meu quarto um cheiro horrível, eu não sabia vindo de onde.

— Ah, você percebeu? É que este elefante já está morto. Embora eu o tenha empalhado com cânfora, já era de se esperar que exalasse esse cheiro — dito isso, baixou a voz ainda um pouco mais — É que... elefantes brancos ainda vivos estão difíceis de encontrar.

— Eu não faria caso se fosse um elefante comum...

— Oh, não, não é possível. Estamos falando da imagem de Tathâgata. Na verdade, não é que eu queira sair por aí com esta aparência me intrometendo na vida das pessoas. É essa gente inconveniente que me invoca. Parece que o Budismo tornou-se bastante popular.

— Ó, Tathâgata! Por favor, faça logo alguma coisa. Desde há pouco que não consigo respirar bem por causa desse cheiro; vou acabar morrendo asfíxiado.

— Que dó — e calou-se um pouco — Meu caro; por acaso não achou ridículo quando me viu aparecer aqui? Não pensou que fosse um tanto desleixada a forma em que Tathâgata lhe apareceu? Por favor, diga o que pensou de fato.

— De modo algum pensei isso; você me pareceu ótimo.

— He, he. É mesmo? — Tathâgata projetou o corpo um pouco para frente — Assim fico mais tranquilo. Desde há pouco não conseguia tirar essa preocupação da cabeça. Talvez eu seja um esnobe. Agora já posso ir embora tranquilo. Só para você, vou mostrar agora como Tathâgata vai embora — terminando de dizer isso, Tathâgata soltou um espirro (“Que droga!”, pensei tê-lo ouvido murmurar) e, junto com seu elefante, tornou-se transparente, como folha de papel quando se molha. Quebrou-se sua essência em inúmeras partículas; sem som algum virou nuvem, depois neblina esparsa, e finalmente sumiu.

Eu, mais uma vez mergulhei para dentro das cobertas e fiquei observando a monja. Ainda dormindo, ela esboçava um sorriso alegre. Parecia ser tanto um sorriso de êxtase quanto um sorriso de escárnio, um sorriso inocente, um sorriso encenado, um sorriso de lisonja, um sorriso de alegria, e um sorriso de choro. A monja continuava a sorrir. Sorria, sorria, sorria, e cada vez se tornava menor até que, enquanto se ouvia um som como o de água que corre

desimpedida, transformou-se em uma pequena boneca de seis centímetros. Eu estendi um dos braços, ergui-a entre os dedos e examinei-a minuciosamente. Suas faces ligeiramente escuras se coagulavam, mantendo o sorriso; seus lábios, ainda mais rosados, eram gotas de chuva, e os dentes brancos, minúsculos como sementes de papoula, se alinhavam espremidos. As mãos, pequenas como flocos de neve fina, estavam levemente pretas, e as pernas, delgadas como folhas de pinheiro, calçavam nos pés meias como grãos de arroz. Experimentei, dentre outras coisas, soprar de leve a barra de suas vestes negras.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Fogo-fátuo. Tradução de Fernando Garcia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 63-78, 2017.